

CAPÍTULO 2

A ENCARNAÇÃO DAS ALMAS

Princípio essencial para a compreensão do Plano Divino

INTRODUÇÃO

O princípio de encarnação das almas encontra forte resistência, principalmente, entre cristãos, porém, nas Escrituras Sagradas, não há nenhuma passagem que condene o pensamento de que a alma de uma pessoa que tenha morrido possa nascer de novo em outro corpo físico. Estranhamente, existe verdadeira ojeriza a este ensinamento em todas as igrejas cristãs, especialmente entre os protestantes e evangélicos. Embora se encontre entre os judeus alguns segmentos que acreditam nesta possibilidade, eles ainda necessitam compreender seu alcance, profundidade e consequências. Neste capítulo, serão abordados os principais fundamentos da encarnação, utilizando a argumentação contida nas Sagradas Escrituras. O aprofundamento do tema ainda será feito pelas dúvidas que naturalmente surgem àqueles que buscam conhecer a maravilhosa obra do CRIADOR.

A encarnação das almas é um conceito parecido com a reencarnação, princípio oriental de renascimento sucessivo cujo fundamento é a purificação do carma, uma somatória de experiências que se aprimora e purifica por meio de sucessivas vidas. No Brasil, além de algumas seitas de fundo espiritualista e orientalista, os espíritas kardecistas são seus maiores divulgadores. Embora semelhantes quanto ao fenômeno da alma nascer de novo, encarnação e reencarnação possuem diferenças consideráveis em suas consequências, a ponto de tornarem-se contraditórias, quando se leva em conta as lições da Nova Aliança, feita por DEUS com homens, por meio de Jesus Cristo, o Messias.

ENCARNAÇÃO E POVO DE DEUS

Que importância tem a encarnação para o Povo de Deus? A encarnação, ou seja, a trajetória da alma transitando pela história em diferentes momentos, dá sentido ao fato de a nação criada por DEUS, a partir de Abraão, ser uma realidade constituída de almas que, segundo os propósitos Divinos, estão sendo preparadas para desempenharem um importante papel na futura civilização do planeta (Gênesis 17.6-8; Gênesis 26.4; Gênesis 28.13-15; Apocalipse 5.10). A encarnação dá sentido de continuidade às gerações que se expandem, com o acréscimo de novos indivíduos e se aperfeiçoam no desenvolvimento de sua moralidade, intelectualidade e espiritualidade. Sem a encarnação, a história do Povo de Deus, assim como de nenhuma outra nação, não teria sentido inteligente, e tudo não passaria de momentos desconexos na história, em que indivíduos apareceriam em certo momento,

alguns para serem salvos, e outros para terminarem condenados a um suposto inferno eterno, criado pelos teólogos católicos, sustentado também por evangélicos e protestantes (*Leia o capítulo: A Eternidade*).

Sem a possibilidade de viver nas dimensões temporais repetidas vezes, tendo como fim o aprimoramento das almas, o caráter espiritual do Povo de Deus não seria forjado nas tribulações, provas e angústias, conforme foi ensinado pelos mestres das Escrituras (Deuteronômio 8.2-3; Atos 14.22; Romanos 5.3-5; Hebreus 10.33). Por que o Povo haveria de sofrer tanto, ao longo de toda a história, se não existisse um propósito futuro para as almas que participaram destes sofrimentos? Por que o Senhor endureceu, propositadamente, o coração dos judeus para que os gentios fossem enxertados? E quando os judeus entrariam novamente, se rejeitaram o Messias por ocasião de sua primeira vinda ao mundo? Não se fala de corpos, mas de almas que rejeitaram o Messias e que, em algum tempo, terão de aceitá-lo para voltarem ao estado de “oliveira santa”. Para quem os profetas e o próprio Jesus Cristo anunciariam o novo mundo, se não fosse para as almas que no futuro viveriam nele, devidamente preparadas para esse fim? São questões que precisam ser respondidas pelos estudiosos e elas não encontrarão sentido racional, sem a chave inteligente das sucessivas experiências terrenas, a encarnação. É inegável que o Povo de Deus vem sendo pastoreado e preparado, desde o princípio, em obediência a um ainda desconhecido desígnio do CRIADOR (Deuteronômio 6.1-25; Jeremias 31.33; Salmos 50.7).

ENCARNAÇÃO E RACIONALIDADE

É compreensível que a encarnação seja uma ideia desconfortável às religiões, posto que finda as inúmeras doutrinas e os dogmas que sustentam o edifício das igrejas cristãs, tais como o inferno eterno, o destino dos abortados, a condenação dos suicidas, das almas incapazes e outras tantas. São situações de morte que não possuem solução fundamentada na racionalidade. Convém sempre lembrar que os homens são seres pensantes, gerados de DEUS, portanto, com suas potencialidades e qualificativos. ELE deseja que seus filhos usem o raciocínio, formulem questões, busquem respostas, que batam em Sua porta para que os mistérios possam ser esclarecidos (Daniel 2.47; Mateus 7.7; Colossenses 1.26). O SENHOR deseja que seus filhos tenham conhecimento da verdade, pois ela será o alicerce do mundo futuro.

Acerca da necessidade do repetido mergulho da alma na vida temporal, a reflexão chega a ser um raciocínio simples. Embora nem todos tenham consciência, a justiça do homem fundamenta-se nos princípios da justiça de DEUS, e na justiça humana, a transgressão à lei é tratada dentro de uma linha considerável de racionalidade e civilização. Referimo-nos à justiça nos países civilizados, onde a liberdade já foi devidamente conquistada e aperfeiçoada. Tome-se como exemplo um homem que comete um crime, tirando a vida de outro. A justiça prende o assassino, que é submetido a um julgamento, e a defesa e a acusação apresentam suas razões, apreciadas por um juiz e, geralmente, por um júri constituído de pessoas de bem. O julgamento produzirá uma condenação à prisão para que o condenado seja punido e, ao mesmo tempo, possa corrigir a sua conduta, esperando-se que não repita o mesmo erro outras vezes.

Isso parece justo ao homem civilizado. E qual o interesse geral da justiça? Que o homem saia recuperado da prisão, reassuma sua vida em sociedade e cumpra seu papel de cidadão. Apesar de existir prisão perpétua e pena de morte em alguns países, de modo geral, ninguém em sã consciência deseja que esse indivíduo fique preso eternamente. Entretanto, no universo da teologia cristã (católica-protestante-evangélica), há um Deus que não considera esta possibilidade, não havendo, para os condenados, qualquer expectativa de libertação, mesmo mediante sincero arrependimento.

Segundo a teologia tradicional cristã, se o pecador não se arrepender do que fez, enquanto estiver na vida temporal e não aceitar Jesus Cristo como Salvador, ele ficará para sempre na prisão, neste caso, no inferno eterno.

Certamente, a condenação eterna não faz sentido, diante de um DEUS misericordioso e cheio de compaixão que é apresentado por Jesus Cristo e pelos profetas (Deuteronômio 4.31; Neemias 9.31; Isaías 44.3; Salmos 116.5; Mateus 5.45; Marcos 10.18). Se o homem, com toda a sua imperfeição, desenvolveu um sistema de justiça que tem desejo de levar à recuperação quem cometeu um delito, é estranho que o ETERNO DEUS, o Senhor de todas as coisas, Pai de amor, de misericórdia e de todas as virtudes, faça o contrário da justiça humana, abandonando seus filhos desobedientes em eterno castigo. Isso não tem lógica. E por que os religiosos tradicionais acreditam nisso? Por causa do espírito de fanatismo e do atraso existentes no meio religioso. Não se está acusando pessoas nem condenando instituições, mas falando do espírito que governa estas mentes, um sistema poderoso de ideias que mantém o mundo na escuridão, pois priva os cidadãos da verdade do CRIADOR. Caso haja alguma dúvida de que esse espírito tem grande poder, basta ver as fartas referências aos crimes da Igreja Católica e de suas filhas rebeldes, encontradas nos livros de história. Seria contraproducente citá-los.

Nenhuma estranheza nisso, visto que o bem sempre caminha ao lado do mal (Isaías 45.7; Salmos 139.12). Nas Escrituras Sagradas, o homem pode encontrar DEUS e o diabo. Seria isso possível, sendo as Escrituras fonte de sabedoria, de salvação e de consolo? Como pode Satanás ser encontrado em tão grandiosa obra? A questão é simples: depende apenas como a pessoa lida com os ensinamentos das Escrituras. Uma mesma lição pode salvar ou condenar, dependendo do ponto de vista de quem lê. Como exemplo pode-se citar uma passagem existente no Evangelho de João, capítulo 10, versículo 10 em que Jesus Cristo afirma que veio para dar aos crentes uma vida em abundância. Em torno desta promessa, encontrada também em outras passagens bíblicas (Gênesis 27.28; Salmos 37.11; Mateus 13.12), foram formulados pensamentos que, atualmente, são anunciados em igrejas, como se o SENHOR quisesse dar aos homens fartura em prosperidade material, riquezas e bens de consumo. Assim, o sentido da Palavra é distorcido para atender interesses terrenos. Em vez de encontrar DEUS, o leitor desavisado encontra Satanás.

Os escritos bíblicos são caracterizados por uma coerência do começo ao fim, e se vê claramente nos ensinamentos gerais da Nova Aliança, que a abundância referida pelo Filho de Deus é de vida eterna, de virtudes e sabedoria, riqueza que as traças não corroem nem os ladrões roubam (Mateus 6.19). Explicam ainda, que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, que o homem deve procurar uma vida modesta e outros conceitos nesse mesmo sentido (I Timóteo 6.8-10; Romanos 14.17; Filipenses 4.12). Então, há algo de errado com os ensinamentos de

CRISTO? De modo algum. O problema está no coração de quem lê. Se o desejo do homem for de coisas do mundo, distorcerá sempre a Palavra de Deus, para o lado material, caindo e fazendo cair em perdição quem os ouve (Mateus 5.19-20; Mateus 15.14).

ESPÍRITO RELIGIOSO E IRRACIONALIDADE

O espírito de fanatismo e de irracionalidade é muito comum em igrejas cristãs. Vive-se em um tempo em que há fartura de igrejas, formadas ao gosto e intenção dos homens. Por isso, as pessoas devem avaliar, cuidadosamente, o sentido e as linhas gerais dos discursos feitos pelas lideranças, antes de frequentar uma igreja ou comunidade onde se ouve a Palavra de Deus. É preciso escolher com liberdade, qualquer constrangimento não vem de DEUS. O Espírito Santo é como uma brisa. DEUS não é espírito de confusão (1 Coríntios 14.33).

Do espírito de irracionalidade e fanatismo nasceram conceitos errôneos a respeito da origem da alma, da sua missão no mundo e de seu destino depois da morte física. Questões igualmente importantes, tais como o pecado, o destino do pecador, sua condenação, a eternidade das penas ficaram sem explicação racional. São erros graves de interpretação bíblica que guiaram o Povo de Deus no ocidente, durante séculos, pelos obscuros caminhos da irracionalidade. A encarnação sucessiva das almas lança luzes sobre a maior parte das incertezas da teologia cristã tradicional, além disso, dá sentido à história do Povo de Deus, envolve em espírito de inteligência a leitura das Escrituras Sagradas, engrandecendo ainda mais a obra do ETERNO e de seu CRISTO.

ENCARNAÇÃO: UMA LEI UNIVERSAL DE DEUS

A encarnação é uma lei natural que não implica crenças, faz parte das leis de DEUS, assim como são as leis da física, da química, da matemática, e se aplica a todo o Universo, como as demais leis. Ela proporciona às almas acompanharem a evolução da Criação sempre em tempo presente, carregando consigo o ponto do despertar onde anteriormente se encontravam, dilatando-o à medida que tudo à sua volta expande-se. Isso faz com que a alma, nas sucessivas experiências na vida temporal, aproxime-se da luz esclarecedora do ETERNO DEUS de onde saiu. Toda a Criação segue um curso manifesto de tempo, como se fosse uma onda que se desloca pelo espaço/tempo criado no interior do próprio DEUS. Se não houvesse encarnação sucessiva, as almas perderiam a sincronia com o restante da Criação. De acordo com o pensamento tradicional, cada alma apareceria em determinada época e sairia do cenário existencial para um inexplicável estado de glória ou de vergonha eterna. Uma interpretação desta natureza é obscura, foge ao mais elementar senso de racionalidade e justiça e não tem qualquer relação com a inteligência do próprio universo criado.

Por que o princípio da encarnação progressiva da alma é ignorado pelo homem? Porque muda todos os conceitos da vida como ela é conhecida. A visão do poder, das glórias terrenas, das autoridades e das finalidades da vida, todas estas coisas seriam profundamente modificadas. O edifício das ilusões e das mentiras que sustenta o mundo

ruiria, e a vida, com seus valores transitórios, tornar-se-ia em nada. O ser humano, ao pensar ter somente uma efêmera existência na vida temporal, naturalmente procura desfrutá-la. O atual sistema de produção, comércio e consumo vive desta ânsia do homem em gozar os grandes e pequenos prazeres que a vida corpórea proporciona. Embora tal conceito, à primeira vista, não seja condenável, ele gera, no processo de desenvolvimento da sociedade, uma atmosfera de egoísmo e soberba, que é a causa das antigas e atuais aflições em todo o planeta ^(Isaiás 2.12; Salmos 73.6). Se, de modo geral, os homens soubessem que não estão no mundo pela primeira vez e que voltarão outras tantas, e que seus atos determinarão consequências na vida futura, não somente no sentido espiritual, mas também material, a existência humana mudaria consideravelmente, e para o bem. Assim será na nova humanidade, quando o conhecimento do SENHOR encher toda a terra ^(Habacuque 2.14), e os homens tiverem a certeza de que são filhos do Altíssimo, dotados de imortalidade ^(Salmos 82.6). Terão, finalmente, consciência de que o CRIADOR, desde o princípio, tem um plano determinado para a humanidade, cuja meta é que todos os habitantes do planeta encontrem a felicidade, no ponto de vista das realizações terrenas e aspirações espirituais. As instruções do SENHOR, existentes nas Escrituras Sagradas são o único caminho.

ENCARNAÇÃO E REENCARNAÇÃO

Faz-se necessária uma breve reflexão em torno dos conceitos de encarnação e reencarnação. Existe diferença entre eles? Sim, existe profunda diferença, assim como joio e trigo, sementes que se parecem, no início, mas, depois, no tempo da colheita, mostram-se distintas. A reencarnação não produz frutos para a libertação definitiva da alma em relação à sua dependência do pecado.

A reencarnação é um antigo conceito, nascido nas doutrinas orientais, que trata das muitas passagens da alma pela vida terrena. Por meio do automatismo reencarnatório, a alma teria uma sequência de reencarnações destinadas a purificar seu *carma*, conceito comum ao hinduísmo e budismo. Ela carregaria consigo uma espécie de peso de pecados e limitações, do qual se livraria gradualmente, adquirindo luz pelo pagamento das dívidas, acrescido de autoconhecimento. Em resumo, a doutrina da reencarnação entende que a alma consegue se libertar do círculo vicioso do pecado pela via do sofrimento expiatório. A alma aprenderia com suas experiências e se tornaria iluminada, por esforço próprio. No oriente, há até quem pense que a alma pode voltar a viver no corpo de um animal. Em todas as variantes relacionadas à reencarnação, o pensamento geral é de que a alma, por si mesma, conquista sua evolução, luz e glórias. A dificuldade está no fato de que estes conceitos contradizem os ensinamentos gerais das Escrituras Sagradas, principalmente, no que se refere à insuficiência da lei, para libertar a alma de seus pecados.

A encarnação, ao contrário da reencarnação, não confronta os mandamentos contidos nas Escrituras Sagradas nem entra em conflito com o CRISTO salvador. Embora entenda que a alma encarna sucessivas vezes, a encarnação não dispensa a ação salvadora do SENHOR, nem a absoluta dependência Dele para ela se livrar do atraso moral e intelectual que carrega consigo. A alma não nasce como um livro de páginas

brancas onde se escreve uma história, conforme preconizam os tradicionais reencarnacionistas, ela é um sopro do próprio DEUS (Gênesis 2.7) e, por isso, tem a divindade do CRIADOR, com todas as suas virtudes. Ao separar-se do Seio Divino, mergulha na escuridão consciencial, até que desperte em algum tempo, para tomar consciência de si mesma e de suas origens (Romanos 10.17; Efésios 5.14). A alma não evolui, como pregam os reencarnacionistas. Ela desperta, acorda para compreender o que está à sua volta. Por isso, uma vida de 70 ou 80 anos não é suficiente para que esse divino despertar possa acontecer.

Muitos milênios se passam até que a alma comece a dar os primeiros passos nos caminhos de DEUS. Quando acorda e, pela Palavra, crê no SENHOR, toma posse de sua eternidade e, então, não há mais sobre ela o poder da morte, do inferno, da matéria, do tempo ou do espaço. Um homem em tais condições pode existir em qualquer lugar do universo, visível ou invisível, pois se tornou Filho de Deus Altíssimo. Jesus Cristo veio ao mundo para tirar o Povo de Deus do círculo vicioso do pecado (João 3.17), livrando as ovelhas perdidas da Casa de Israel da escravidão da lei, por isso, recebeu de DEUS o dom de perdoar pecados (Marcos 2.10).

Na reencarnação, não há perdão de pecados, mesmo diante do arrependimento. O perdão, segundo os reencarnacionistas, está condicionado às reparações que a alma terá que fazer, ou seja, deve arrumar todo o estrago que causou. A alma recebe de volta, em sua experiência existencial, tudo o que fez os outros sofrerem. A doutrina espírita acredita que, por meio do próprio sofrimento, a alma se cansaria de sofrer e, em vidas futuras, tendo a dor das vidas passadas como pano de fundo da consciência, não repetiria o mesmo erro. Aos poucos, pelos seus esforços pessoais e autoconhecimento chegaria ao mundo da luz. Parece um pensamento lógico, porém destituído do espírito existente na Nova Aliança onde nenhum homem pode deixar o círculo de erros, sem contar com uma intervenção divina, no caso, CRISTO (João 14.6). E isso acontece quando o pecador arrepende-se e crê no Filho de Deus, que pode livrá-lo da pena (Lucas 5.20).

Na reencarnação a alma não precisa de CRISTO para salvar-se. Na encarnação, CRISTO é quem salva a alma. Ainda que vivesse um milhão de vezes, se a alma não aceitar o SENHOR, como a única via de libertação, continuará morta em seus próprios pecados (João 9.41). Usando a imagem do criminoso, citado anteriormente, a justiça humana, faz com que ele cumpra a pena e saia da prisão para uma nova vida. Porém a pena cumprida, não o livra do fato de que é, perante DEUS, um assassino. A pena imposta pela justiça humana o libertou pelo cumprimento do tempo de sua duração, mas uma questão grave ainda está por resolver. A lei de DEUS foi quebrada e, perante o CRIADOR, o pecado permanece. A doutrina da reencarnação afirma que tal homem, em uma vida futura, precisará ser assassinado para quitar seu débito com a lei de causa e efeito. E, certamente, teria necessidade de alguém para causar o crime. E o outro, sendo julgado, iria preso e teria de ser morto por outro e assim sucessivamente. Forma-se aí uma questão sem solução, um círculo infinito de ações e reações, que mostra a incoerência de tal pensamento, tendo em vista os propósitos libertadores de DEUS para o Seu Povo.

A lei de causa e efeito é uma realidade bíblica, chamada lei de talião, já existente no mundo antes de a história do Povo de Deus iniciar-se com o pai Abraão. Porém

nenhuma alma permanece indefinidamente nesse círculo de sofrimento. No momento em que, pela fé, toma consciência do perdão oferecido por CRISTO, suas dores podem ser interrompidas. Ao ver que o pecador está verdadeiramente arrependido, o SENHOR cancela os efeitos provocados pela transgressão. DEUS pode abrir as grades de prisão do espírito e soltar para sempre a alma arrependida (Romanos 6.22; Romanos 8.2). Nesse ponto reencarnação e encarnação são coisas absolutamente distintas. A primeira contraria as Escrituras Sagradas e o próprio Senhor Jesus, seu sacrifício vicário, sua bondade, sua misericórdia e seu amor infinitos. A segunda, a encarnação, é perfeitamente harmônica com todos os predicados e virtudes do ETERNO.

A REVELAÇÃO DE DEUS E A DOUTRINA ESPÍRITA

No Brasil e em alguns países do mundo, a doutrina da reencarnação é difundida por meio dos espíritas kardecistas, que acreditam que a doutrina espírita teria vindo substituir as Escrituras Sagradas. Por esta razão, elas as menosprezam. Embora sejam livres para crerem como quiserem, interessa esclarecer o Povo de Deus que a doutrina espírita não é a terceira revelação de DEUS aos homens, conforme é anunciada. E por que se faz esta afirmativa? Por duas simples razões: por ela estar em completa desarmonia com as outras revelações, os ensinamentos de MOISÉS e do CRISTO e porque não existem evidências nas Sagradas Escrituras de que DEUS enviaria uma terceira revelação aos homens. A Palavra de Deus informa sobre a manifestação de um espírito de verdade e de consolo.

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, utilizou as Escrituras Sagradas para fundamentá-la com questões filosóficas, morais e espirituais. O codificador do espiritismo não fez mais do que fazem os pastores e teólogos tradicionais, que usam os textos sagrados como lhes convém, para formular doutrinas e conceitos. Todos erram quando desconsideram o conjunto dos ensinamentos dos textos sagrados (Mateus 22.29). É comum encontrar pessoas que não utilizam os ensinamentos dos Livros Sagrados para seu aprendizado e iluminação, mas para fundamentar ideias próprias. Kardec não cotejou sua doutrina com as Escrituras Sagradas, mas tomou dos Santos Escritos apenas o que interessava. Portanto, a doutrina espírita, embora revele verdades da vida invisível, não se trata de nova revelação. Considere-se também que tendo como base de sua crença a reencarnação, anula a ação salvadora do CRISTO, não sendo cristãos os que pensam desta maneira. Esta distorção já deveria ter sido corrigida se os espíritas tivessem seguido a orientação do próprio Allan Kardec, que prescreveu revisões periódicas da doutrina espírita a cada vinte e cinco anos, de modo que as ideias gerais pudessem acompanhar o progresso. Essas revisões nunca foram feitas.

O PRINCÍPIO DA ENCARNAÇÃO DAS ALMAS NAS ESCRITURAS SAGRADAS

O princípio da encarnação sucessiva das almas pode ser encontrado em algumas passagens das Escrituras Sagradas pelo observador cuidadoso, aquele que procura o sentido espiritual dos escritos, e não apenas o literal. No que se refere à vida dos

profetas e das testemunhas de CRISTO, não há o que discutir, eles voltariam a viver em outros corpos físicos por meio de novas encarnações. Alguns foram e são aguardados pelo Povo de Deus (Malaquias 4.5; Lucas 9.19; Mateus 17.11-13). É o caso, por exemplo, do profeta Elias cujo retorno fora profetizado por Malaquias (Malaquias 4.5). Mas também parece não haver evidências claras a respeito da encarnação sucessiva das almas, no que se refere à alma do homem comum. Mas o fato de um ensinamento não estar explícito nas Escrituras Sagradas não quer dizer que ela conspire contra ele. Muitas coisas que não estão evidenciadas nas passagens bíblicas estão nas entrelinhas dos ensinamentos, no entendimento dado pelo Espírito de Deus aos que já possuem comunhão com Ele (João 16.25; 8.31-32). Jesus Cristo prometeu que daria o Espírito Santo às suas ovelhas para ensiná-las em tudo, pois muita coisa não poderia dizer naquele tempo (João 16.12). Ora, é certíssimo que é o Espírito quem ensina o que está contido nos textos, e não o contrário. Para nós, o Povo de Deus, as Escrituras Sagradas são a fonte da sabedoria. E o pensamento revelado pela ação do Espírito Santo, com o correr do tempo, recebe mais completos pontos de vista, principalmente, quando elucidam dúvidas e controvérsias existentes na teologia bíblica. Pode-se, ainda, considerar que tudo o que se aplica aos profetas e ao Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, aplica-se também aos demais seres humanos. Somos deuses, no dizer dos Salmos (82.6) e isso nos põe como irmãos de Jesus Cristo e membros da família divina (Romanos 8.12-17).

Neste capítulo, serão demonstradas algumas evidências da encarnação sucessiva de almas, presentes nos Escritos Sagrados, utilizando os princípios da hermenêutica bíblica e a capacidade do livre pensar que DEUS deu aos seus filhos, para que viessem a aprender, ensinar, redarguir e instruir em justiça, a fim de que todos os homens possam ser aperfeiçoados para as boas obras (II Timóteo 3.16-17).

A) ESTÁ ORDENADO AOS HOMENS MORREREM UMA VEZ

Os teólogos cristãos argumentam contra a possibilidade do renascimento das almas, tomando como base um único versículo existente na Carta aos Hebreus, que muitos intérpretes acreditam ser de autoria do próprio Paulo. A passagem merece reflexão por parte de quem busca a verdade por detrás do sentido das letras, uma vez que, como em outras passagens, a inverdade é colocada no lugar da verdade.

HEBREUS 9

- 1 Ora, também a primeira tinha ordenanças de culto divino e um santuário terrestre.
- 2 Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o santuário.
- 3 Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo, que se chama o santo dos santos,
- 4 Que tinha o incensário de ouro e a arca da aliança coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas da aliança;
- 5 E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas

não falaremos agora particularmente.

6 Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços;

7 Mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo;

8 Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do santuário não estava descoberto enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo,

9 Que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço;

10 Consistindo somente em comidas, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção.

11 Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação,

12 Nem por sangue de bodes e bezeros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.

13 Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne,

14 Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?

15 E por isso é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna.

16 Porque onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador.

17 Porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?

18 Por isso, também o primeiro não foi consagrado sem sangue;

19 Porque, havendo Moisés anunciado a todo o povo todos os mandamentos segundo a lei, tomou o sangue dos bezeros e dos bodes, com água, lâ purpúrea e hissopo e aspergiu tanto o mesmo livro como todo o povo,

20 Dizendo: Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado.

21 E semelhantemente aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os vasos do ministério.

22 E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.

23 De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes.

24 Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu para agora comparecer por nós perante a face de Deus;

25 Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio;

26 De outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.

27 E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo,

28 Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.

O versículo 27 afirma que “está ordenado aos homens morrerem uma vez”. Todos os versículos anteriores e posteriores ao versículo 27 mostram que o autor não falava da morte física, mas da morte espiritual, que acomete o homem apenas uma vez, na ocasião em que é surpreendido pela Lei em pecado (Romanos 7). Esta doutrina é bastante conhecida dos intérpretes, ela foi desenvolvida pelo apóstolo Paulo, em suas epístolas, e trata do pecado, da morte e da ressurreição. Uma vez tendo a alma sido resgatada por CRISTO, pelo novo nascimento (João 3.2-8), ela não morre de novo. É esse o sentido teológico da instrução encontrada em Hebreu 9.27 e não tem nenhuma relação com a morte física.

Os teólogos contrários à encarnação sucessiva das almas apegaram-se a essa passagem porque, segundo seu inocente raciocínio, se é dado ao homem morrer apenas uma vez, vindo depois disso o juízo, segue-se que tal indivíduo não poderia nascer e morrer outras vezes. Assim, estaria provada a impossibilidade de a alma ter um novo nascimento no cenário terreno. Parece um pensamento racional, mas a conclusão é superficial e não passa do sentido radical da letra, uma vez que não leva em conta o contexto, quer dizer, os versículos anteriores e posteriores ao texto citado.

Do versículo 22 em diante, a instrução afirma que todas as coisas de DEUS, segundo a Lei, purificam-se com sangue e que, sem derramamento de sangue, não há remissão de pecados. O autor sagrado está ensinando acerca do sacrifício do Senhor, na cruz, e das causas do derramamento do seu sangue. O verso 23 mostra que o sacrifício de Jesus Cristo substituiu definitivamente os sacrifícios que se faziam nos templos, pois esses últimos tratavam das coisas transitórias, sendo o sacrifício do Senhor, relativo às coisas eternas.

No versículo 24, a instrução segue mostrando que CRISTO entrou no santuário celeste do qual os santuários terrestres eram meras representações, e fez isso para interceder junto de DEUS por cada um de nós, pecadores. Do verso 25 em diante, o autor afirma que Jesus não fez tal gesto, o de oferecer-se a si mesmo como oferta, muitas vezes, como fazia o sumo sacerdote todos os anos, mas uma vez somente, para aniquilar o pecado definitivamente. O versículo 26 é o ponto alto do esclarecimento da lição, pois explica que se Jesus fosse como um sumo sacerdote terreno, teria de morrer diversas vezes. O versículo 27 é o complemento dessa instrução dada no versículo 26, de que o Senhor morreu apenas uma vez por nossos pecados, como oferta definitiva. O que diz o versículo 27, tão usado como argumento desfavorável à ideia da alma do homem voltar a nascer? Que é dado aos homens morrerem apenas uma vez, vindo depois disso o juízo. Ora, se o versículo de número 27 é o complemento do versículo 26, logicamente não está tratando da morte física, mas da morte espiritual, à qual, quando vencida, não mais

se está sujeito a ela, como ensina Paulo, na sua missiva aos Romanos (Romanos 7 e 8).

O que aconteceu com Jesus Cristo é o que acontece com todo aquele que Nele crê, uma vez que se fez pecador para morrer no lugar dos pecadores. É este o sentido geral de Hebreus, capítulo 9, versículos 22 a 28, com interpretação espiritual, sem perder o sentido literal. Portanto, não há qualquer negativa ao pensamento da alma ter nova oportunidade de nascimento, por meio de outra encarnação nem de o homem passar pela morte física muitas vezes. Se ele já estiver de posse da vida eterna, poderá viver milhões de vidas, morrerá como todos os seres humanos, mas nem a morte (espiritual) nem o inferno terão mais poder para retê-lo. É isso o que também se entende nos Salmos 16.10; 30.3; 49.15 e outras passagens semelhantes.

O princípio da encarnação sucessiva insere a alma na família de CRISTO e abre oportunidade para todos os homens arrependem-se dos pecados cometidos em tempos de ignorância e encontrar o caminho de volta para a Casa do Pai, ou seja, o reino da luz e da eternidade. Destituída das encarnações sucessivas, como pensa a teologia tradicional, a alma pode, durante sua única vida, apenas fazer uma escolha e, se errar, o que é muito comum, estará perdida para sempre. Este é um pensamento tresloucado, mas, infelizmente, aceito por mentes ainda sob o domínio da escuridão consciencial.

É preciso, ainda, considerar a indefinição teológica quanto ao destino de almas dos homens que nunca conheceram o SENHOR e que morrem sem nunca terem ouvido falar em Evangelho. Há países onde, por diversas razões, o Evangelho de CRISTO inexistente. Para onde iriam as almas dos habitantes destes lugares, depois da morte física? Também em situação semelhante estão almas de crianças mortas prematuramente, os indivíduos com deficiências mentais, os índios selvagens etc. São almas que, na teologia tradicional, não teriam oportunidade de serem salvas, pois não souberam da vontade do SENHOR. Qual o destino desses indivíduos, depois da morte? O céu não poderá ser, pois ainda não adquiriram virtudes, os tesouros eternos (Mateus 6.20). O inferno também não poderia ser uma vez que, se erraram, não tinham conhecimento das regras (Romanos 2.12). Não seria um erro gravíssimo da obra de DEUS haver multidões que foram criadas para a condenação? Esta incongruência teológica estaria de acordo com a vida inteligente do Universo e com a bondade e sabedoria do CRIADOR? O bom senso diz que não, e é mais provável que os homens se enganaram quanto ao entendimento dos Escritos Sagrados.

O renascimento dos profetas, referido nas Escrituras Sagradas (Malaquias 4.5; Lucas 9.19; Mateus 17.11-13), não seria a manifestação de uma lei natural? É possível e provável que sim. E, no universo de Deus, não existe lei ou mandamento que se aplique a determinado indivíduo e não a outros. As leis são iguais para todos, e não poderia ser diferente. Assim sendo, o renascimento dos profetas tem todos os predicados para se tratar de lei natural de DEUS, aplicável a todas as suas criaturas.

A encarnação sucessiva das almas é uma lei natural e soluciona inúmeras anomalias teológicas, dando respostas a praticamente todas as dúvidas acerca da existência dos seres humanos, sua origem, sua missão e seu destino. Para o Povo de Deus, a encarnação sucessiva é um novo conceito que vai ajudá-lo a entender com mais profundidade a grandiosidade da obra do SENHOR e de sua justiça.

A lei da encarnação não foi revelada, nos tempos de CRISTO ou dos Apóstolos, por

causa da situação de atraso moral e intelectual tanto das almas encarnadas naquele período como da própria humanidade. Jesus deixa bem claro a respeito desta limitação quando lhes fala por parábolas e, também, ao dizer que tinha muito a revelar, mas que as pessoas não estavam em condições de suportar tais revelações (João 16.12).

B) A VOLTA DO PROFETA ELIAS

MALAQUIAS 4

1 Porque eis que aquele dia vem ardendo como fomalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.

2 Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas; e saireis e saltareis como bezerras da estrebaria.

3 E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que estou preparando, diz o Senhor dos Exércitos.

4 Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, que lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos.

5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor;

6 E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição.

MATEUS 17

1 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte,

2 E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz.

3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

4 E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias.

5 E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o.

6 E os discípulos, ouvindo isto, caíram sobre os seus rostos, e tiveram grande medo.

7 E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tendes medo.

8 E, erguendo eles os olhos, ninguém viram senão unicamente a Jesus.

9 E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos.

- 10 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?
- 11 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas;
- 12 Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem.
- 13 Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Batista.
- 14 E, quando chegaram à multidão, aproximou-se-lhe um homem, pondo-se de joelhos diante dele e dizendo:
- 15 Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água;
- 16 E trouxe-o aos teus discípulos; e não puderam curá-lo.
- 17 E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei eu convosco, e até quando vos sofrerei? Trazei-o aqui.
- 18 E repreendeu Jesus o demônio, que saiu dele, e desde aquela hora o menino sarou.
- 19 Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus em particular, disseram: Por que não pudemos nós expulsá-lo?
- 20 E Jesus lhes disse: Por causa de vossa incredulidade; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível.
- 21 Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.
- 22 Ora, achando-se eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens;
- 23 E matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará. E eles se entristeceram muito.
- 24 E, chegando eles a Cafarnaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as dracmas e disseram: O vosso mestre não paga as dracmas?
- 25 Disse ele: Sim. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos, ou o censo? Dos seus filhos ou dos alheios?
- 26 Disse-lhe Pedro: Dos alheios. Disse-lhe Jesus: Logo, estão livres os filhos.
- 27 Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o e dá-o por mim e por ti.

Uma intrigante revelação de que a alma, depois de ter deixado a vida terrena, pode voltar a encarnar-se novamente no mundo, usando um novo corpo, encontra-se na promessa feita por DEUS ao Povo Escolhido, no capítulo 4, do livro de Malaquias. Frequentemente, os profetas faziam anúncios às pessoas de seu tempo, falando como se elas também fossem viver nos dias do Juízo. Teólogos cristãos pensaram que se tratava apenas de expectativas de época, mas um exame cauteloso das profecias não deixa dúvidas de que faziam referência a fatos da época, mas quase sempre seguida por eventos relacionados ao período do fim do mundo. É uma situação incomum, pois o que os indivíduos de determinada fase da história teriam a ver com o tempo futuro? Segundo os

fundamentos da teologia tradicional, não teriam qualquer relação. Mas, usando de inteligência espiritual, pode-se compreender que esta mistura de fatos somente teria sentido se as mesmas almas fossem estar presentes na época dos futuros acontecimentos apocalípticos. De outro modo, seria conversa fora de lugar.

O caso de Malaquias, capítulo 4, é uma dessas passagens reveladoras. Na introdução do capítulo, o profeta diz que se refere àquele dia, o dia do Juízo, que vem ardendo como fornalha e que irá por um fim na existência dos homens que vivem na soberba e na impiedade. Mas *para vós, que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça*. Ora, referia-se o SENHOR aos judeus, ou aos cristãos? Ou seria uma profecia feita a todo o Povo Escolhido, independentemente do tempo? Ao falar do testemunho, no versículo 3, *que pisareis os ímpios*, não estaria Malaquias profetizando o tempo do fim do mundo e se dirigindo ao Povo de Deus, encarnado neste período? Falando às mesmas almas do passado, agora vivendo nos dias do Juízo? As circunstâncias e a lógica indicam que sim.

O profeta lembra o Povo de Deus, no versículo 4, para que não se esqueça da Lei de Moisés, dos estatutos e juízos, dos mandamentos para orientar a vida moral e espiritual das ovelhas. A seguir, diz que enviaria a eles, ao Seu Povo, o profeta Elias, antes do grande dia do SENHOR, e que ele, o Senhor Jesus Cristo, converteria o coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a Terra não fosse destruída. Alguns teólogos judeus, que não aceitaram Jesus Cristo como o Messias, interpretaram a passagem como se fosse João Batista, aquele que converteria os corações. Ora, João, como a própria Palavra assevera, foi o precursor do CRISTO, aquele que veio preparar-lhe terreno (Isaías

40.3; João 1.23; Mateus 3.3).

Na versão das Escrituras utilizada pelos cristãos, Malaquias encerra os livros da Antiga Aliança com a promessa de que Elias seria enviado ao Povo de Deus (Malaquias 4.5). A seguir, iniciam-se as obras da Nova Aliança, o pacto que DEUS fez com as ovelhas perdidas da Casa de Israel, por meio de Jesus Cristo. Esse pacto veio com uma abertura para que, além das ovelhas perdidas, também os gentios pudessem entrar para a casa do PAI (Isaías 42.6; Atos 28.28). Com o testemunho de dois evangelhos, o próprio Jesus afirma que João Batista, o seu precursor, era o Elias que havia de vir. As narrativas são incontestáveis.

No capítulo 17 do livro de Mateus, a partir do versículo 10, logo após a transfiguração, quando recebe a visita incorpórea de Moisés e Elias, os discípulos interrogaram Jesus a respeito do relato que circulava entre os escribas, de que era necessário que Elias voltasse, antes da vinda do CRISTO. Os escribas, obviamente, referiam-se a Malaquias 4.5. Jesus respondeu: *“Sim, é verdade que Elias virá. Mas digo-vos, em verdade, que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem”*. Então entenderam os discípulos que *lhes falara de João Batista*, dizem os escritos. Ora, está claro que Jesus afirmou que João Batista era a encarnação do antigo profeta Elias. Nas palavras do CRISTO não há meias verdades, Ele não fala de alguém parecido com Elias, que fosse da mesma personalidade. Elias já veio, disse o SENHOR (Mateus 17.12). Não é habitual nas Escrituras Sagradas que se refiram nestes termos a algum personagem.

Intérpretes tradicionais ligados ao catolicismo, ao protestantismo e ao evangelismo

dizem que não foi bem o que Jesus quis dizer. Eles se abrigam nas palavras de um anjo que falou a Zacarias, pai de João Batista, a respeito da personalidade de seu filho, ainda por nascer. A narrativa consta do livro de Lucas, no capítulo 1, versículo 17. Ao falar de João, o anjo disse que o profeta salvaria muitos filhos de Israel para DEUS e que o faria no espírito e na virtude de Elias. Pensam encontrar, nesse versículo, argumento seguro contra a possibilidade de a alma vir a renascer. Como sempre, esperam defender suas teses, usando o sentido alegórico das letras.

A tradução do grego para o português pode apresentar variantes. Dependendo da palavra que se põe na tradução, o sentido poder ser mudado. Isso se aplica a quase toda a Escritura, mas, e principalmente, nos textos da Nova Aliança. Em tal caso, o texto quer dizer que João Batista teria um forte espírito, seria corajoso e atuante, tão virtuoso quanto o profeta Elias. As palavras do anjo não entram em contradição com as palavras de Jesus, mas as confirmam.

João Batista nasceria com iguais qualificativos de Elias, pois se tratava do mesmo personagem. Dizer que era apenas um homem com virtude e coragem semelhantes ao profeta Elias, é usar de simples alegoria e desconsiderar a palavra do CRISTO, que, absolutamente, não afirma tal coisa. Ele disse: *Elias já veio* e não teria dito: *um parecido com Elias já veio*. Não aparenta haver dúvida. Considere-se, ainda, que as palavras do anjo, que falam da tal semelhança com Elias, constam somente do livro de Lucas, fonte de boa parte dos dogmas católicos. O testemunho de CRISTO, ao contrário, está nos livros de Mateus e de Marcos. Estranhamente, a passagem que confirma o renascimento de Elias não consta do livro de Lucas.

C) A VOLTA DO PROFETA DANIEL

DANIEL 12

1 E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

2 E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.

3 Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente.

4 E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.

5 Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um deste lado, à beira do rio, e o outro do outro lado, à beira do rio.

6 E ele disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando será o fim destas maravilhas?

7 E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, o qual levantou ao céu a sua mão direita e a sua mão esquerda e jurou por aquele que vive eternamente que isso seria para um tempo, tempos e metade do tempo, e quando tiverem acabado de espalhar o poder do povo

santo, todas estas coisas serão cumpridas.

8 Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso, eu disse: Senhor meu, qual será o fim destas coisas?

9 E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim.

10 Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão.

11 E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias.

12 Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.

13 Tu, porém, vai até ao fim, porque descansarás e te levantarás na tua herança, no fim dos dias.

Outros livros das Sagradas Escrituras também fornecem indícios de que os profetas poderiam voltar a viver, por meio de um novo corpo físico, inclusive há referências ao renascimento de Davi, como um dos futuros líderes do Povo de Deus (Ezequiel 34 e 37). O livro do profeta Daniel destaca-se no conjunto dos livros da lei e dos profetas por conter profecias relacionadas com o fim do mundo. Jesus Cristo, o Messias, em seu sermão escatológico, ao tratar do Juízo, faz referência às palavras desse profeta, estabelecendo um vínculo entre suas revelações e o sermão que proferia no Monte das Oliveiras (Mateus 24.15). Sabe-se que profetas, como Daniel e João Evangelista, o autor do Apocalipse, não são almas comuns. Isso porque devem ter maturidade suficiente para suportar visões relacionadas com grandes tragédias e sofrimentos advindos de mundos em evolução, que transitam de estágios primitivos para os mais civilizados. É o que acontece, atualmente, com a Terra, um mundo semicivilizado, a caminho de sua civilização. Nesses mundos, a humanidade convive com situações sociais heterogêneas e de profundas desigualdades. Alguns países vivem em abundância de bens, outros na mais profunda miséria. A ciência e a tecnologia desenvolvem-se com abençoadas realizações no campo do bem, mas também são usadas para a exploração comercial e a criação de armas capazes de destruir o que foi construído.

Como a vida moral no mundo terreno não se fundamenta nas leis naturais do CRIADOR, nem suas expectativas em relação ao futuro, o desastre global é apenas uma questão de tempo. Por mais que haja o esforço dos homens em criar uma relação civilizada entre os países, as disputas, a soberba e as vaidades do amor próprio geram tamanha instabilidade ao comportamento coletivo, que leva o mundo à própria destruição. O homem desconhece a ciência de DEUS e, por isso, não sabe como conduzir os rumos do mundo, de modo que não se autodestrua. Segundo as palavras do próprio Messias, se não houvesse uma intervenção divina, no período mais agudo da crise, o fim do mundo, a humanidade seria extinta, nenhuma carne se salvaria (Mateus 24.22).

Os profetas eram almas especialmente escolhidas e preparadas por DEUS para serem porta-vozes de revelações, alertas e advertências ao Povo de Deus e a toda a humanidade. No capítulo 12, do livro de Daniel, encontra-se uma passagem em que o profeta conversa com algumas inteligências incorpóreas, anjos ou espíritos, que haviam vindo instruí-lo a

respeito das visões relacionadas com o Juízo. Ao ouvir dos graves acontecimentos do final dos tempos, pergunta: “*Senhor meu, qual será o fim destas coisas?*”. O anjo lhe revela que as ocorrências daquela revelação estão previstas para o período da *Grande Tribulação*, o fim do mundo, que durará 1260 dias. E diz mais, que Daniel estará nos dias do fim, dando a entender que voltaria a viver no meio do Povo de Deus, levantando-se em sua descendência. Como as traduções bíblicas foram feitas por homens que não concebiam o renascimento da alma em outro corpo, o sentido das letras saiu com várias interpretações. Veja abaixo:

Traduções em português:

“*Tu, porém, vai até ao fim; porque descansarás, e te levantarás na tua herança, no fim dos dias* (Daniel 12.13)”.

“*Quanto a você, siga o seu caminho até o fim. Você descansará, e então, no final dos dias, você se levantará para receber a herança que lhe cabe* (Daniel 12.13)”.

“*Tu, porém, vai-te, até que chegue o fim; pois descansarás, e estarás na tua sorte, ao fim dos dias* (Daniel 12.13)”.

“*Quanto a ti, vai até o fim. Tu repousarás e te levantarás para {receber} tua parte de herança, no fim dos tempos* (Daniel 12.13)”.

“*Mas tu perseverará até ao fim da tua vida; e depois repousarás. Porque ressuscitarás e terás a tua recompensa nos últimos dias* (Daniel 12.13)”.

Traduções em espanhol:

“*Y tú irás al fin, y reposarás, y te levantarás en tu suerte o en tu herencia al fin de los días* (Daniel 12.13)”.

“*Y tú irás al fin, y reposarás, y te levantarás en tu suerte al fin de los días* (Daniel 12.13)”.

Parece que todos os tradutores concordam com que, depois da morte do profeta, sua alma repousaria. Não parece implícita a ideia de que ficasse dormindo até o Juízo, uma vez entendido que repousar, depois de um longo período de trabalho, não significa, obrigatoriamente, submeter-se a um sono. É um período de descanso para a alma que voltará, em algum tempo, à vida temporal, para continuar com a missão que lhe foi determinada por DEUS. Também é pensamento comum entre os tradutores, o fato de que a alma de Daniel voltaria a viver nos tempos do fim. A maioria usa o “*te levantarás*”, como se a alma do profeta estivesse deitada em algum lugar. Consideremos, no entanto, que a Palavra de Deus utiliza, frequentemente, a expressão “*levantará um profeta*” e que, em alguns casos, refere-se ao nascimento de um personagem bíblico, e não a uma possível ressurreição carnal. Portanto, ao que tudo indica, a passagem refere-se a um novo nascimento corporal do profeta de Daniel.

Um dos tradutores fala em ressurreição, como se o profeta fosse ressuscitar carnalmente. Evidente que é bem mais fácil conceber que a alma volte a nascer por meio de um novo corpo, encarnando-se, como o próprio Jesus Cristo o fez, do que juntar os átomos do velho corpo, transformado em pó, para ressuscitá-lo. É certo que DEUS pode todas as coisas. Mas não se deve usar desse argumento para justificar todas as teses possíveis à imaginação dos intérpretes. É uma pobreza de ideias semelhantes às alegorias que distraem a alma das graves coisas que o Espírito deseja revelar. Em termos de exegese bíblica, melhor caminhar no campo da inteligência lógica, do que no obscuro espaço das

suposições destituídas de argumentos sólidos.

Nas traduções, a palavra “sorte” aparece em Daniel 12.13 com sentido de destino. Estará no destino do profeta viver novamente no meio do Povo de Deus, talvez como um novo profeta, com o mesmo espírito e a mesma virtude do antigo Daniel. O que impede que isso aconteça, uma vez que a própria Escritura o testifica? Não há nenhum obstáculo para que essa seja a realidade, a não ser a resistência dos teólogos tradicionais em sustentar a tese de que a experiência humana, por mais difícil e injusta que pareça, acontece apenas uma vez. Estes estudiosos deveriam avaliar melhor as Escrituras, pensando a favor de DEUS e da eternidade da alma, mas parece terem optado por trabalhar contra a Sua inteligente Criação, tornando-a uma ocorrência injusta, destituída de lógica e de bom senso. O Deus da teologia tradicional é um governante injusto, dotado de desinteligência, pior do que seus próprios filhos, os homens, que bem sabem castigar pecadores, procurando corrigir seus atos insanos com penas distintas e oportunidades de recomeço.

A única aparente contradição encontrada nessa passagem de Daniel pode estar na palavra “herança”, que acabou colocada por alguns tradutores, como uma suposta recompensa a que o profeta teria direito. As suposições dos intérpretes são baseadas em bens terrenos, elaboradas por pessoas que, provavelmente, creem na riqueza e no poder material como recompensa da fé. A doutrina de Jesus Cristo e dos Apóstolos põe fim a qualquer especulação desta natureza. O sentido correto da palavra herança aponta para a descendência, e isso quer dizer que o profeta Daniel voltará a viver em seus sucessores, o que parece lógico tanto por descendência biológica quanto espiritual, nascendo, provavelmente, em família de judeus ou de gentios pertencentes as tribos de Israel que se espalharam pelo mundo, misturando-se a outras famílias.

Não há nenhuma herança ou bem terreno a ser recebido pelo profeta Daniel em tempo futuro. A maior riqueza para uma alma desta categoria, a dos profetas, é servir ao DEUS ALTÍSSIMO em momentos graves, como foi o da passagem pela antiga Babilônia e como o será, por ocasião do Apocalipse, com a queda da Grande Babilônia.

Nos tempos do fim, por ocasião da Grande Tribulação, o profeta Daniel estará no meio do Povo de Deus, conforme atestam os Escritos Sagrados ^(Daniel 12.13). Em vez de ressuscitado estará renascido no mesmo espírito e mesma virtude do antigo Daniel, assim como foi com Elias, chamado por Jesus Cristo de João Batista. Onde está o pecado, a transgressão para que se lancem anátema sobre essa realidade?

D) A VOLTA DE JOÃO EVANGELISTA

JOÃO 21

1 Depois disto, manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos, junto do mar de Tiberíades; e manifestou-se assim:

2 Estavam juntos Simão Pedro, e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos.

3 Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Dizem-lhe eles: Também nós vamos contigo. Foram e subiram logo para o barco, e naquela noite nada apanharam.

4 E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, mas os discípulos não conheceram que era Jesus.

5 Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

6 E ele lhes disse: Lançai a rede para o lado direito do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes.

7 Então aquele discípulo, a quem Jesus amava, disse a Pedro: É o Senhor. E, quando Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar.

8 E os outros discípulos foram com o barco (porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados), levando a rede cheia de peixes.

9 Logo que desceram para terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima, e pão.

10 Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que agora apanhastes.

11 Simão Pedro subiu e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes e, sendo tantos, não se rompeu a rede.

12 Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. E nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor.

13 Chegou, pois, Jesus, e tomou o pão, e deu-lhes e, semelhantemente o peixe.

14 E já era a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos, depois de ter ressuscitado dentre os mortos.

15 E, depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros.

16 Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas.

17 Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo. Jesus disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas.

18 Na verdade, na verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras.

19 E disse isto, significando com que morte havia ele de glorificar a Deus. E, dito isto, disse-lhe: Segue-me.

20 E Pedro, voltando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, e que na ceia se recostara também sobre o seu peito, e que dissera: Senhor, quem é que te há de trair?

21 Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e deste que será?

22 Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu.

23 Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não lhe disse que não morreria, mas: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti?

24 Este é o discípulo que testifica destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

25 Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Amém.

APOCALIPSE 10

1 E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo;

2 E tinha na sua mão um livrinho aberto. E pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra;

3 E clamou com grande voz, como quando ruge um leão; e, havendo clamado, os sete trovões emitiram as suas vozes.

4 E, quando os sete trovões acabaram de emitir as suas vozes, eu ia escrever; mas ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões emitiram, e não o escrevas.

5

6 E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora;

7 Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos.

E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu,

8 E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.

9 E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel.

10 E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.

11 E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.

João, o evangelista, filho de Zebedeu, era o mais novo dos apóstolos de Jesus Cristo e teria morrido de morte natural, em Éfeso, no ano de 103 d.C. Escreveu um evangelho e mais três epístolas que fazem parte dos escritos da Nova Aliança. O Evangelho de João destaca-se por ser diferente dos outros evangelhos, devido ao seu conteúdo de iniciação ao conhecimento da ciência de DEUS, que trata da natureza divina do homem e das coisas invisíveis. O pano de fundo deste livro é o pensamento grego. Alguns exegetas afirmam que o livro de João teria sido escrito para judeus dispersos na Grécia, mas, convém considerar outros fatores históricos relacionados às ações do SENHOR no propósito de criar os fundamentos da civilização ocidental. Sabe-se que, depois da escravidão babilônica (nos anos 500 a.C.), houve um período de silêncio em que DEUS não mais enviou profetas para Seu Povo, porém nesta lacuna profética, floresceu, na Grécia, o pensamento racional, inclusive em relação à vida além do mundo visível. Apareceram, no cenário humano, as

figuras de Sócrates, Platão e outros grandes pensadores que trouxeram ao universo do pensamento humano ideias, raciocínios e explicações acerca de muitas dúvidas relacionadas à Criação, à criatura e ao CRIADOR.

O Evangelho de João está escrito em uma linguagem em que o pensamento racionalista grego e os princípios do platonismo, misturam-se em inquietante revelação de que somos, na verdade, deuses (Salmos 82.6), ramos e galhos da árvore divina, destinados a produzir frutos em abundância (João 15). Ao contrário do que se pensa tradicionalmente, DEUS não ficou em silêncio, mas cuidou de dar origem a uma visão inteligente da sua magnífica obra, a Criação. Mais tarde, o Evangelho de João apareceria com esses princípios, tornando-os acessíveis não só aos judeus dispersos na Grécia (João 7.35), mas a todos os que desejassem conhecer com mais detalhes o papel dos filhos do ALTÍSSIMO na grandiosa *Árvore da Vida*.

Nos versículos 21 a 24, do capítulo 21 deste evangelho, há relato de uma conversa de Jesus Cristo com o apóstolo Pedro, que levou os discípulos a divulgarem entre os irmãos que João não morreria. Aqui, como em outras passagens, a ausência do pensamento de que a alma pode voltar a viver em novo corpo, levou a produzir interpretações as mais estapafúrdias. Afirmaram, por exemplo, que ao abrirem o túmulo de João, seu corpo, à semelhança do corpo de Jesus Cristo, havia sumido. Parece que todas as hipóteses relacionadas a essa passagem sempre escondem o desejo de manterem o *status* do sistema religioso dominante que, até nos nossos dias, não mudou seu pensamento, no sentido de dar à obra de DEUS a grandeza de sua eternidade.

Nesse caso, o próprio texto bíblico corrige a interpretação equivocada, mostrando que Jesus não disse que João não morreria, mas sim que estaria vivo, no tempo de sua volta ao mundo, nos dias do Juízo (João 21.22-24). Sendo verdadeira a afirmativa bíblica, e é provável que sim, João voltará a viver noutro corpo, no espírito e na virtude do antigo evangelista, conforme as Escrituras disseram a respeito do renascimento de Elias, como João Batista e de Daniel, como um futuro profeta.

Não parece haver dúvida de que a passagem é uma afirmativa de que João, o filho de Zebedeu, autor de Apocalipse, estaria encarnado no mundo no período relativo à volta de Jesus Cristo, o Messias, o que aconteceria no período do fim do mundo. A tese da encarnação de João torna-se ainda mais lógica quando o Apocalipse diz coisa de igual sentido, desse mesmo João que, além de evangelista, era profeta (Apocalipse 10.11). Evidente que teólogos tradicionais, ao examinarem João 21.21-22 formulem outras possibilidades, tendo como alicerce a liberdade da alegoria. A única possibilidade não atestada por eles é a de que o apóstolo amado poderia voltar a viver encarnado em um corpo físico, como o fez o próprio Senhor Jesus (João 1.14). Não se pode esquecer que Jesus Cristo já existia, antes de nascer fisicamente, conforme testificam as Escrituras (João 8.58). Apenas encarnou no corpo físico gerado por sua mãe Maria (Lucas 1.30-33).

A encarnação, portanto, é testificada pelo próprio nascimento de Jesus Cristo. E, quando se considera Jesus como o primogênito da família divina (Apocalipse 1.5), todas as coisas relacionadas com Sua vida, existência, encarnação, morte e ressurreição são exatamente as mesmas para os outros filhos de DEUS. É bem difícil demonstrar, inclusive pela interpretação literal, que isso não é possível. Consequentemente, entende-

se que as almas dos filhos de DEUS já existiam antes de terem nascido.

João, o evangelista, foi o autor de um dos mais complexos livros das Escrituras, o Apocalipse. Essa profecia finaliza o conjunto dos Livros Sagrados e tem tanta importância para o Povo de Deus quanto o primeiro livro da *Torá*, o Gênesis, pois trata da mais grave crise a ser vivida pela humanidade em toda sua história progressiva. Não haverá outra ocasião com tantos distúrbios e transtornos para todas as nações igual a que ocorrerá na Grande Tribulação, segundo afirmativa do próprio CRISTO ^(Mateus 24). Sabe-se que o período crítico do fim do mundo será de 1260 dias, o espírito de apostasia instaurará, no mundo, uma espécie de ditadura materialista, e os homens ímpios seguirão este caminho de abominação ao SENHOR. Tal espírito de indiferença e violação às regras e instruções do CRIADOR já se mostra na vida ocidental e veio com ares de modernidade, políticas instituídas por minorias que alteram conceitos morais e leis que regem a vida das pessoas, impondo-lhes noções distorcidas a respeito do que é certo e errado.

Inserido neste contexto está o Povo de Deus, que o CRIADOR vem preparando há milênios para que se mantenha fiel aos ensinamentos das Escrituras Sagradas, tendo em vista preservar os alicerces imprescindíveis para restaurar a civilização, depois de sua autodestruição. O capítulo 11, do livro Apocalipse fala das duas testemunhas do Senhor, judeus e cristãos, a Antiga e a Nova Aliança, que estão diante do príncipe do mundo, Satanás. Também chamadas de duas oliveiras ou dois castiçais ^(Apocalipse 11.4) são a única fonte da luz vinda de DEUS para o mundo. Sobre os 42 meses da *Grande Tribulação* o texto fala de testemunho, de perseguição e morte ^(Apocalipse 13.7; Apocalipse 18.24). Os homens comemoram e acreditam ter encontrado na Besta da Terra a solução para todos os seus males ^(Apocalipse 11.10; Apocalipse 13.3-5). Um código de identificação é posto em cada pessoa para que ninguém possa comprar ou vender, sem que tenha o número da Besta, três conjuntos de seis algarismos a ser inserido em cada personagem ^(Apocalipse 13.16-17). O clima de alegria durará somente os três anos e meio, vindo, logo após, a destruição das coisas como elas são atualmente conhecidas ^(Apocalipse 11.11-12; Apocalipse 16).

João, o filho de Zebedeu, era profeta e, por isso, tinha estados alterados de consciência em que sua alma deixava seu corpo físico em direção às regiões eternas ^(Apocalipse 1.10) para receber as mensagens a serem reveladas. O desprendimento momentâneo da alma é um fenômeno conhecido dos ocultistas e foi chamado por Paulo, Pedro e João de *arrebatamento de espírito* ou *arrebatamento de sentido*. Isso quer dizer que não era o corpo físico que fora levado aos céus, mas sim, a alma ou o espírito. Num desses arrebatamentos, João teve a visão narrada no capítulo 10, do livro Apocalipse, onde se refere a um livrinho que o profeta recebera de DEUS, pelas mãos de um anjo, de quem veio uma ordem para que o comesse. O pedido dos céus para que um profeta coma um livro ou pergaminho é indicativo de que profetizará em outro tempo.

Nessa visão, tratava-se da *voz dos sete trovões*, conforme o relato bíblico ^(Apocalipse 10.4). João, ao ouvi-la, teve a intenção de escrever as palavras a respeito, mas foi repreendido por uma voz pedindo-lhe que selasse as palavras e que não as escrevesse. Depois de comer o livrinho, que era doce na boca e amargo no ventre, o profeta ouviu do anjo que ainda profetizaria outra vez, a povos, nações e línguas ^(Apocalipse 10.11). O livrinho de João, com a *voz dos sete trovões*, ainda não apareceu no cenário humano até os dias de hoje. Em razão

dessa passagem ao Apocalipse, pode-se admitir a tese de que o apóstolo João voltará a profetizar a respeito dos tempos do fim, por meio de uma nova encarnação, com o mesmo espírito e mesma virtude do antigo evangelista com a missão de escrever um livro, contando o que ouviu dos sete trovões, na sua visão apocalíptica. É possível que essa obra do profeta João torne-se conhecida por todo o Povo de Deus e que seja um dos elementos de unificação para as casas de Judá e dos dispersos, as ovelhas perdidas da Casa de Israel, a quem Jesus Cristo veio para resgatar.

E) AS 144 MIL TESTEMUNHAS

APOCALIPSE 7

- 1 E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.
- 2 E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,
- 3 Dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus.
- 4 E ouvi o número dos selados, e eram cento e quarenta e quatro mil selados, de todas as tribos dos filhos de Israel.
- 5 Da tribo de Judá, havia doze mil selados; da tribo de Rúbem, doze mil selados; da tribo de Gade, doze mil selados;
- 6 Da tribo de Aser, doze mil selados; da tribo de Naftali, doze mil selados; da tribo de Manassés, doze mil selados;
- 7 Da tribo de Simeão, doze mil selados; da tribo de Levi, doze mil selados; da tribo de Issacar, doze mil selados;
- 8 Da tribo de Zebulom, doze mil selados; da tribo de José, doze mil selados; da tribo de Benjamim, doze mil selados.
- 9 Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos;
- 10 E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.
- 11 E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus,
- 12 Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém.
- 13 E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram?

14 E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.

15 Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra.

16 Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

17 Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes vivas das águas; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.

O exame das profecias relacionadas ao fim do mundo, existentes no livro do profeta Daniel, no discurso profético de Jesus Cristo e no Apocalipse de João Evangelista, deixa bem claro que, no fim do mundo, na época da Grande Tribulação, haverá grandes desafios e aflições para o Povo de Deus (Daniel 10.32-35, Mateus 24, Timóteo, Apocalipse). Em maior ou menor intensidade, todos os irmãos judeus e cristãos serão provados e embranquecidos (Daniel 11.35). Nesse tempo, haverá profetas, pregadores e sábios que ensinarão a muitos (Daniel 12.3). O Espírito de DEUS estará por todos os lugares, cuidando e zelando do Povo Escolhido, até que se findem os 42 meses, quando, sabendo que seus dias estão contados, o inimigo se engrandecerá em força e poder, mas, conforme está escrito, seu reino não mais será encontrado. Um novo reino, o reino de DEUS, será estabelecido, e o Messias o governará para sempre (Apocalipse 11.15; Apocalipse 21.9-10).

Os teólogos tradicionais não conseguem entender que DEUS não se importa com o que eles pensam nem com suas interpretações alegóricas, por isso, esses sábios serão pegos em suas fraquezas (I Coríntios 1.19). O SENHOR fará como lhe aprouver, falará pela boca dos humildes, dará sonhos e visões aos jovens e aos velhos, relatando o que está por vir (Joel 2.28).

O capítulo 7 do livro Apocalipse trata de um tema intrigante, os servos que darão testemunho perante o espírito do mundo. Alguns deles, inclusive, perderão a própria vida para cumprir a missão que pelo SENHOR lhes será confiada (Apocalipse 11.7-10). No primeiro versículo, a narrativa revela a existência de quatro anjos, a quem foi dado o poder de destruir a Terra. Eles estariam retendo os quatro ventos da Terra para que nada fosse destruído antes da hora determinada. Outro anjo, que tinha o selo do DEUS vivo, aparece no cenário dando ordens às quatro entidades angélicas para que nada fosse destruído até que os servos do SENHOR fossem assinalados em todo o mundo. O número dos assinalados eram 144 mil almas (Apocalipse 7.4). A questão é que esses servos de DEUS, conforme diz a própria revelação, são almas de israelitas que fizeram parte das antigas tribos de Israel. Seriam doze mil almas de cada uma das doze tribos, perfazendo, assim, o número de 144 mil testemunhas. Ora, se a ordem é de não destruir a Terra enquanto os servos não fossem assinalados em suas testas, isso quer dizer que tais almas estariam no mundo, espalhadas em todas as nações. E como poderiam estar no mundo, se não encarnassem de novo? É a maneira mais lógica e racional, de se explicar a passagem em questão. Alguns teólogos pretenderam ressuscitá-las, fazendo-as levantar dos túmulos, apoiados no sentido radical da letra existente em certas passagens bíblicas

(Ezequiel 37 e outras). Mas de que túmulos elas se levantariam, se não existem sequer vestígios dos lugares onde viveram no passado? Outros interpretaram como se tudo se passasse nos céus, sendo tais almas convocadas a participarem do fim do mundo, mas não explicam como isso se daria.

Deixando de lado as mirabolantes e irracionais teses da teologia clássica, é forçoso concluir que o SENHOR espalhou seu Povo pelo mundo, por meio de famílias judias e gentias, usando, para isso, a encarnação. E DEUS contará com todas estas preciosas almas, amadurecidas secularmente pela experiência temporal, para testemunharem naquele dia, perante um mundo em completo desarranjo. Uma situação de tal gravidade, como a Grande Tribulação, somente pode ser enfrentada por almas que, durante séculos, foram habilitadas para suportar perseguição e morte. Hoje, se houvesse uma rejeição generalizada ao Povo de Deus, por abominação às Escrituras Sagradas (Apocalipse 11.10), a maioria dos cristãos estaria perdida, sem ter condições morais e espirituais para entender e suportar os acontecimentos.

As igrejas cristãs estão cheias de crentes porque nelas, infelizmente, se promovem verdadeiras festas, e a comemoração da vida, com seus gozos e prazeres, oferecidos pela Grande Babilônia. Ninguém está preparado para viver aflições, e não são poucos os que acreditam no arrebatamento da igreja, uma tese criada pelo espírito do mundo, para dar aos crentes a sensação de que estão seguros, frente aos eventos daquele dia. Eles pensam que Jesus irá tirá-los do mundo para não serem perseguidos. É uma falsa doutrina que levará muitos a perderem a fé e a se escandalizarem com DEUS, por deixar que sofram as tribulações daquele tempo. Convém que todos se preparem, porque, como disse o Espírito ao profeta Ezequiel, o fim vem, o fim vem (Ezequiel 7.2).

“E tu, ó filho do homem, assim diz o Senhor DEUS acerca da terra de Israel: Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da terra (Ezequiel 7.2)”.

F) O DIÁLOGO COM NICODEMOS

JOÃO 3

- 1 E havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.
- 2 Este foi ter de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.
- 3 Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.
- 4 Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?
- 5 Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.
- 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.
- 7 Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.

- 8 O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.
- 9 Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso?
- 10 Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?
- 11 Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho.
- 12 Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como credeis, se vos falar das celestiais?
- 13 Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu.
- 14 E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado,
- 15 Para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
- 16 Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
- 17 Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.
- 18 Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.
- 19 E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.
- 20 Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas.
- 21 Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.
- 22 Depois disto foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; e estava ali com eles, e batizava.
- 23 Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali, e eram batizados.
- 24 Porque ainda João não tinha sido lançado na prisão.
- 25 Houve, então, uma questão entre os discípulos de João e os judeus acerca da purificação.
- 26 E foram ter com João, e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele.
- 27 João respondeu, e disse: O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu.
- 28 Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele.
- 29 Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já este meu gozo está cumprido.
- 30 É necessário que ele cresça e que eu diminua.
- 31 Aquele que vem de cima é sobre todos; aquele que vem da terra é da terra e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos.

- 32 E aquilo que ele viu e ouviu isso testifica; e ninguém aceita o seu testemunho.
- 33 Aquele que aceitou o seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro.
- 34 Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; pois não lhe dá Deus o Espírito por medida.
- 35 O Pai ama o Filho e todas as coisas entregou nas suas mãos.
- 36 Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.

Nicodemos foi um fariseu, membro do Sinédrio, mestre de Israel, que se interessou pelos ensinamentos de Jesus Cristo. É conhecida a passagem da sua visita noturna ao Filho de Deus e seu diálogo com o Senhor a respeito da necessidade de se nascer de novo para ver o Reino. A passagem, que faz parte do livro de João, capítulo 3, é usada repetidas vezes pelos adeptos da reencarnação, como sendo uma referência do CRISTO à possibilidade do nascimento sucessivo das almas. Porém o novo nascimento a que se refere Jesus não trata da possibilidade de a alma nascer em novo corpo, mas aborda o renascimento espiritual, ocasião em que o homem, por crer no SENHOR, livra-se do corpo da morte, imposto pelo pecado. Assim, aquele que estava morto, nasce de novo.

As palavras do Senhor a Nicodemos são essas: *“Na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de DEUS”*. A doutrina ensinada pelo apóstolo Paulo, na Nova Aliança, afirma que a alma do homem está morta pelo pecado desde o seu nascimento e que precisa, em algum tempo, encontrar-se com CRISTO pelos caminhos da fé. A partir de então, livra-se da morte espiritual e recebe as bênçãos do CRIADOR por toda a eternidade. Esse mesmo caminho de salvação já estava disponível desde os tempos de Abraão, quando ele creu no SENHOR e foi tornado justo pela mesma fé. A alma não poderá ser feliz, enquanto não encontrar o caminho da salvação pela fé em CRISTO, também chamado de SENHOR, na Velha Aliança. Entende-se, pois, que a salvação sempre esteve disponível ao Povo de Deus.

A salvação, que é o novo nascimento, não depende do saber, mas sim, da fé no SENHOR, que, se for verídica, estabelece um sólido vínculo entre a mente da alma e a mente do CRIADOR (I Coríntios 2.16). A partir deste ponto de encontro divino, a alma livra-se dos limites a que estava sujeita pela morte, gerada pelo corpo do pecado. Adquirindo liberdade verdadeira, todas as coisas passam a lhe pertencer e onde vier a existir estará guiada e protegida pela Graça salvadora de CRISTO. Por isso, Jesus disse a Nicodemos que, sem o novo nascimento, não seria possível entrar no reino.

O reino de DEUS é, acima de tudo, um estado de espírito que a alma adquire no caminho da fé que a leva a CRISTO. E, uma vez encontrada esta estrada de felicidade, nunca mais será perdida. É como se alguém estivesse em um lugar totalmente escuro e encontrasse um ponto de luz. A alma dirige-se a essa luz instintivamente e, à medida que dela se aproxima, percebe à sua volta o universo que não via em razão da escuridão.

Quando a alma encontra a salvação, o caminho da felicidade durará até o fim da eternidade na qual existe. Este despertar não se faz no curto espaço de uma vida. A existência da alma começa quando DEUS cria todo o universo visível e invisível e termina

somente quando toda essa majestosa obra retorna ao CRIADOR. A Criação foi feita para o homem se realizar em muitos níveis existenciais a que uma determinada civilização está sujeita e destinada, desde o tempo primitivo até transformar-se em morada gloriosa dos homens, sem dores, injustiças e desordem.

Nicodemos parece não ter ficado satisfeito com a resposta dada pelo Filho de Deus e faz nova pergunta: *“Como pode o homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?”*. O rabino judeu não havia entendido que Jesus falava do renascimento da alma e lhe perguntou a respeito do renascimento do corpo. A resposta leva-nos a concluir que CRISTO nada tinha contra o nascimento de um novo corpo, ocupado com uma alma que já havia vivido anteriormente. Tanto que não repreende Nicodemos, dizendo que estava errado. Era comum ao Senhor dizer: *“Errais, não conhecendo as Escrituras”*. Isso costumava dizer Jesus quando alguém fazia perguntas contendo erros em relação à verdade de DEUS. A instrução é bastante esclarecedora. Neste caso, deixa claro que falava do renascimento da alma frente à morte provocada pelo pecado e não diante da morte corporal.

O Senhor Jesus Cristo, em um primeiro momento, parece não se importar com a pergunta de Nicodemos (João 3), pois continua instruindo, conforme fez a princípio, a respeito do novo nascimento e diz: *“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode ver o reino de Deus”* (João 3.5). A seguir, surpreende dizendo algo inusitado: *“O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do Espírito é espírito”* (João 3.6). Ele responde à pergunta de Nicodemos acerca da possibilidade de o homem, sendo velho, entrar de novo no ventre da mãe. Diz que o nascer de um novo corpo é um evento que pertence às leis da vida temporal, mas que o renascer da alma, pertence às leis do Espírito. A alma não nasce de novo, porque nasceu somente quando DEUS a soprou. Ela encarna em novo corpo que nasce no mundo, segundo as leis da ciência conhecida. Ficam assim expressos claramente os dois princípios fundamentais da existência humana: *carne e espírito*. A alma não foi criada no momento da concepção, ela já existia anteriormente. Por isso, Jesus afirmou a Nicodemos que, o que era nascido da carne era carne, mas o novo nascimento da alma, diante da morte provocada pelo pecado, era segundo as leis do Espírito, uma vez que somente DEUS pode fazê-la deixar o escuro e sair da prisão para a Sua maravilhosa Luz.

Quando a alma nasce pela primeira vez, separa-se de DEUS em face da sua natural marca adâmica da desobediência e permanece assim por longo período de tempo, arrastando-se pelas vidas, até que, em dado momento da sua história, é resgatada pelo SENHOR. E como se dá esse resgate? Pela água e pelo Espírito. Alguns intérpretes confundiram o nascer da água com o batismo de imersão ou aspersão, comuns em igrejas cristãs. As Escrituras Sagradas, no entanto, ensinam em nível mais elevado, que a água é a Palavra de Deus, anunciada ao seu Povo (João 15.3). E não poderia ser de outra forma. Não se pode conceber que alguém se salve por ter sido imerso numa tina com água, num lago, num rio, ou coisa semelhante. A salvação depende do que está dentro do homem e não fora dele. A anunciação do conhecimento de DEUS pelos pregadores leva a alma ao arrependimento e à conversão. Nascer da água é nascer da Palavra de Deus anunciada, lida e refletida. O nascer do Espírito é o momento em que a alma recebe o toque de

DEUS, que é interno, ocorre na intimidade e faz com que ela tenha a certeza de ter encontrado o Caminho. Se isso for verdadeiro, a alma não mais se afastará do SENHOR.

CONCLUSÃO

Jesus Cristo, referindo-se a João Batista:

“E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir (Mateus 11.14)”.

Os discípulos respondendo a Jesus, quando perguntou a respeito de quem diziam que ele era:

“E, respondendo eles, disseram: João, o Batista; outros, Elias, e outros que um dos antigos profetas ressuscitou (Lucas 9.19)”.

“E outros que um profeta dos antigos havia ressuscitado (Lucas 9.8)”.

O homem é espírito, um sopro de DEUS que deu origem à sua existência na Criação (Gênesis 2.7). Quando na vida temporal, a alma torna-se um ser humano e possui uma natureza carnal e outra espiritual. Com a natureza humana, goza das coisas terrenas, com a espiritual, mantém-se ligada aos planos eternos, com a mente de CRISTO, (I Coríntios 2.16) de onde lhe vem vida e felicidade eterna. A natureza espiritual da alma sempre exerce menor ou maior influência na experiência temporal, de modo que não se perca na influência dos instintos do corpo. Quando a natureza carnal predomina na vida do homem, ele faz coisas insanas, capazes de trazer sofrimento aos seus semelhantes e a ele próprio (Gálatas 5.19-21). A lei de DEUS regula sua trajetória, agindo como aio, até que se liberte do corpo do pecado. Sob o domínio a natureza espiritual, o homem desenvolve uma vida de virtudes (Gálatas 5.25).

O corpo carnal é como um vaso (II Timóteo 2.20; I Tessalonicenses 4.4), uma ferramenta que a alma recebe de DEUS para aperfeiçoar-se (Deuteronômio 8.2). Ela vem ao mundo para viver e desfrutar de todas as coisas que lhe são permitidas. E, para usufruir da ilimitada vida que DEUS concede aos seus filhos, é preciso que esteja plenamente em comunhão com a verdade eterna, existindo em harmonia com as leis naturais e com o conhecimento natural. É assim que o homem deixa de ser mortal e toma posse de sua eternidade (I Coríntios 15.53), torna-se habilitado a existir no mundo, ou em qualquer outro lugar ou tempo da Criação visível ou invisível. Nenhuma alma que já tomou posse da eternidade vive em conflito com DEUS. Os conflitos e querelas entre a alma e o CRIADOR nascem da sua baixa condição espiritual por estar ainda mergulhada em demasia na escuridão consciencial.

O mundo terreno é um lugar de dores, mas também de almejada felicidade. Infelizmente, o progresso de alguns países contrasta com a miséria de outros. Não se pode negar que há preocupações no sentido de se erradicar do planeta a miséria e a injustiça, mas estes esforços, destituídos do conhecimento eterno, são insuficientes para mudar o atual cenário. A maior parte dos habitantes da Terra ainda está sob o domínio da natureza carnal, vive para o gozo de pequenos e grandes prazeres da vida temporal. No ocidente, as igrejas cristãs, que poderiam ajudar no esclarecimento das almas, insistem em convencer o homem de que ele não passa de matéria vivente e que a vida é o tempo que se resume entre o nascimento carnal e a morte. Por isso, os homens,

envolvidos no amor por si mesmos, vivem em exacerbado egoísmo, e pensam mais na própria felicidade do que na felicidade do próximo. Este é um círculo vicioso de pecados que se expande diariamente e que terá fim somente quando chegar o dia do Juízo.

O Povo de Deus é guiado pelo SENHOR. Embora com raízes que remontam este período, a família divina iniciou sua formação a partir de Abraão (Gênesis 12.1-2), o primeiro crente que fora justificado pela fé. Abraão tornou-se um justo porque creu no SENHOR (Romanos 4.3). DEUS disse a Abraão que faria da sua descendência uma grande nação e que todas as nações da Terra seriam benditas nessa futura geração (Gênesis 22.18). Não se pode compreender racionalmente a formação dessa família divina, sua expansão e seu aperfeiçoamento, sem o conceito da encarnação sucessiva das almas. A formação das doze tribos, sua dispersão pelo planeta e, futuramente, seu ajuntamento antes que o Reino se estabeleça, todos estes eventos têm sentido inteligente apenas se estivermos tratando com um grupo de mesmas almas. De outro modo, nem as promessas do SENHOR seriam verdadeiras. Lembremos que DEUS prometeu aos cativos do Egito que entrariam em Canaã e nem mesmo Moisés teve direito de fazê-lo (Números 20.12). DEUS, dotado de infinita sabedoria, teria se enganado quanto ao futuro? Tudo indica que havia verdades ocultas, devido ao atraso intelectual e científico da época, porém tudo fica fácil de ser entendido se as almas daqueles que morreram no deserto viessem se levantar e viver na sua futura descendência.

As Escrituras Sagradas levam-nos a entender que todo o trabalho civilizatório dessa humanidade terá como fundamento as doze tribos de Israel (Apocalipse 21.14). No tempo do reinado de Salomão, depois de sua morte, as tribos dividiram-se. Jeroboão passou a reinar com dez tribos no norte de Israel, e Roboão, filho de Salomão, ficou como rei de duas tribos, consideradas como fiéis ao SENHOR. As tribos do norte degeneraram-se e passaram a ser consideradas infiéis por adorarem outros deuses e se misturarem com povos pagãos e idólatras. Por causa da desobediência a DEUS, caíram em maldição e foram lançadas em terras estranhas (Deuteronômio 30.1-10) para, posteriormente, nos tempos do fim, serem resgatadas por CRISTO, purificadas e trazidas de volta ao rebanho na terra prometida (Ezequiel 37.15-28; Ezequiel 34.12-14). Um remanescente ficou em Israel, que são as duas tribos fiéis: Judá e Benjamim. Esta casa fidedigna é chamada, nas Escrituras, de Casa de Judá, e as demais tribos são as ovelhas perdidas da Casa de Israel que, mesmo corrompidas no sentido espiritual, espalharam-se pelo mundo, como se elas obedecessem a uma oculta determinação do ETERNO (Deuteronômio 28.63-64).

Mais tarde, com o advento do Messias, um rabino judeu convertido a CRISTO, de nome Paulo de Tarso, foi chamado para ser o porta-voz de uma mensagem destinada às ovelhas perdidas da Casa de Israel, a quem, genericamente, denominava *gentios* (Atos 11.1; Romanos 3.29). Nos documentos apostólicos, compreende-se que Paulo falava aos estranhos, mas, principalmente, aos dispersos, pertencentes às tribos de Israel. Em todos os lugares onde chegava, o Apóstolo falava nas sinagogas, em primeiro lugar. Foi o início do chamamento das ovelhas perdidas.

O nascimento da igreja cristã, no mundo ocidental, é uma obra de DEUS, destinada a congregar essas ovelhas em torno do novo pacto e juntar outras, que não seriam do aprisco Divino (João 10.16). Sendo assim, pela encarnação, boa parte dos cristãos são, na

verdade, almas judias, vivendo como ocidentais. Judeus e cristãos são uma só família, separada pela ignorância em relação às coisas do Espírito, à história passada, ao presente e ao futuro promissor programado pelo SENHOR, desde que Abraão creu e foi tornado um justo diante do PAI (Gênesis 22.16).

Os Escritos Sagrados, a partir dos profetas até Paulo, falam de um movimento para que o Povo de Deus possa ter unidade. Pode-se concluir, tendo como preceito a encarnação, que líderes do passado estarão de volta ao cenário humano para serem guias da nova humanidade. Não se quer com este pensamento desprezar as inteligências e sistemas políticos que, atualmente, conduzem a vida dos homens, tendo em vista o bem comum, mas tudo que não estiver em acordo com o pensamento do CRIADOR não resistirá ao evento do fim do mundo (Mateus 15.13).

A felicidade futura de todos os filhos de DEUS vai se tornar possível quando a encarnação sucessiva das almas for aceita como uma lei natural e passar a dar sentido lógico à existência eterna do ser humano cuja alma nasce, sucessivamente, acompanhando a evolução do planeta. Sem esta chave chamada encarnação, que explica o aparentemente inexplicável, a Criação tornaria-se um evento sideral inconcludente.

A suposta destruição do planeta, propalada por fanáticos religiosos, não tem qualquer sentido racional. A Terra é uma das moradas da Casa do PAI (João 14.2), é lugar de vivências das almas para desfrutarem de tudo o que a vida natural lhes oferece. Não há razão para DEUS permitir a destruição generalizada do planeta. O mundo sofrerá uma crise sem precedentes, é verdade, mas são muitas as passagens bíblicas que dizem que os mansos herdarão a terra e o Povo de Deus, a terra prometida (Ezequiel 34; 37.15-28). Também se tem consciência de que a morte e o inferno serão destruídos (Apocalipse 20.14), mas a vida orgânica continuará no planeta, como sempre foi, e seguirá progredindo, assumindo formas cada vez mais harmônicas, segundo o propósito do CRIADOR. Isso significa que as pessoas vão continuar nascendo, vivendo e morrendo fisicamente e, como profetizou Isaías, as crianças não morrerão antes dos cem anos, deixando às claras que não haverá mais mortes prematuras, todos cumprirão seus dias (Isaías 65).

Que dificuldade há em adormecer, acordar nos céus da eternidade, permanecer por lá algum tempo e voltar a viver novamente na descendência biológica e espiritual que está sobre a face Terra, cumprindo os propósitos dos céus? Não há escândalo algum nessa possibilidade. A encarnação sucessiva da alma mostra como o homem universal, de posse da sua eternidade, passa a viver e a desenvolver a verdadeira civilização terrena, que começou há muito tempo, com a fundação do mundo.

Retire a realidade da encarnação das Escrituras Sagradas e teremos uma Criação sem qualquer sentido, produto da obra de um Deus injusto, imperfeito, que condenaria a maior parte de seus filhos a um inferno eterno. A inteligência do homem, que é um dom de DEUS, instintivamente, não aceita tal Criador anunciado nas igrejas cristãs, por isso, cavou-se um grande abismo entre ciência e religião. É tempo de mudanças, não para se fundar uma nova igreja ou doutrina, mas para criar uma nova consciência de entendimento universal, acessível a todos os homens, para que, em todo o planeta, compreenda-se o quanto o SENHOR é bom e digno de honra, glória e louvor eterno.

O Povo de Deus é uma realidade bíblica e, como dizia o Senhor, as Escrituras não

podem ser anuladas (Mateus 22.29). Compreenda-se porém que, por ter um Povo Escolhido, DEUS não está fazendo acepção de pessoas. A porta do Reino está aberta a todos os homens crentes ou descrentes que queiram fazer parte da grande Família Divina. O CRIADOR deseja que todos os homens se salvem e entrem para a Casa Eterna (I Timóteo 2.4). Louvado seja o SENHOR DEUS DE ISRAEL de eternidade em eternidade e para sempre.

Visite o site: www.meupovo.org